



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

JONATAS MOREIRA TEIXEIRA

**A ESPECIFICIDADE DAS OFICINAS TRANSIARTE COM ESTUDANTES  
SURDOS DA ESCOLA BILINGUE DE TAGUATINGA**

Brasilia

2017

**TERMO DE APROVAÇÃO**

JONATAS MOREIRA TEIXEIRA

**A especificidade das oficinas transarte ofertadas com estudantes surdos da escola bilíngue de Taguatinga**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação do Professor Dr. Lucio França Teles.

**Banca Examinadora**

---

Prof.º Dr.º Lucio França Teles (orientador)  
Universidade de Brasília

---

Profª. Drª. Sônia Marise Salles Carvalho (examinadora)  
Universidade de Brasília

---

Profª. Drª. Otília Maria A. N. A. Dantas (examinadora)  
Universidade de Brasília

---

Suplente: Danielle Pamplona

## Lista de figuras

Figura 1 - Escola bilingue: alunos produzindo material para o video .....	<b>Erro!</b>
<b>Indicador não definido.</b>	
Figura 3 – Mapa de Taguatinga - DF.....	21
Figura 2 - Fotografia de Taguatinga Fonte – Getulio Romão maio 2013.....	33
Figura 4 - Escola bilingue 1 – convite feito aos alunos pelo pesquisador e professora .....	35
Figura 5 - Escola bilingue 2 – alunos entendendo o convite de participação da classe no Transiarte .....	36
Figura 6 - - Escola bilingue 3 – dinâmica do barbante.....	37
Figura 7 - Escola bilingue 4 – Discussão da problemática do roteiro .....	38
Figura 8 - Escola bilingue 5- relação das ideias da situação problema desafio	39
Figura 9 - dinâmica de Grupo escola bilingue .....	40
Figura 10 - Escola bilingue 6 – criação do cenário usado na animação .....	41
Figura 12- Escola bilingue 8 – fotos tiradas pelos alunos para a animação .....	43
Figura 12- Escola bilingue 8 – fotos tiradas pelos alunos para a animação .....	44
Figura 13- Escola bilingue 9 – fotos sendo tiradas pelos alunos para a animação.....	45
Figura 14 - Escola bilingue 10 – fotos tiradas no aplicativo de celular para o stop-motion.....	46
Figura 15 - Escola bilingue 11 – ideias dos alunos na produção de um cartaz de festa julina .....	47

## Lista de tabelas

Tabela 1 - População segundo o sexo - Taguatinga - Distrito Federal - 2016 .	21
Tabela 2 - População segundo a naturalidade - Taguatinga - Distrito Federal - 2016 .....	22
Tabela 3 - População segundo a condição de estudo - Taguatinga - Distrito Federal – 2016 .....	23

Lista de quadros

Quadro 1 - A pesquisa-ação nas etapas da oficina transiarte ..... 28

## Lista de siglas

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior.

DF - Distrito Federal

CODEPLAN - Companhia de Desenvolvimento do Planalto

EJA - Educação de Jovens e Adultos.

EBT - Escola Bilíngue de Taguatinga

MEC - Ministério da Educação.

OBEDUC - Observatório da Educação Básica

PDAD – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios

PPP - Projeto político-pedagógico.

SEDF - Secretaria de Educação do Distrito Federal.

UnB - Universidade de Brasília.

## Sumário

Memorial.....	9
Introdução .....	11
Capítulo 1: A Transiarte .....	17
1.1 Considerações sobre a transiarte .....	17
1.2 Histórico da Região Administrativa – Taguatinga - RA III .....	20
1.2.1 Caracterização da População Urbana.....	21
1.2.2 Migração .....	21
1.2.3 Instrução da população total .....	23
1.3 Escola Bilíngue Libras e Português-Escrito de Taguatinga .....	24
Capítulo 2: Metodologia e Passos da Oficina Transiarte .....	28
2.1 Sujeitos da pesquisa .....	31
2.2 Procedimento objeto abordado - O convite.....	33
2.3 2ª ETAPA - Situação problema desafio.....	38
2.3.1 3ª ETAPA - Criação do roteiro.....	39
2.3.2 4ª ETAPA - Criação artística coletiva .....	41
2.3.4 5ª ETAPA - Edição .....	43
2.4 Procedimento objeto efetuado – site.....	45
Considerações Finais .....	49
Bibliografia.....	50

## RESUMO

Este trabalho apresenta reflexões da aplicabilidade das oficinas transiarte com sujeitos da educação de jovens e adultos surdos. O objetivo é identificar as possibilidades de criação artística coletiva dos estudantes a partir das oficinas transiarte, na disciplina de artes da Escola Bilíngue Libras e Português-Escrito de Taguatinga. As oficinas transiarte tem sido desenvolvidas pelo grupo de pesquisa transiarte na educação de jovens e adultos e educação profissional, conhecido como proeja transiarte, com o objetivo de trabalhar na integração educação profissional e ensino médio na Educação de Jovens e Adultos, EJA. Esta integração se dá a partir da utilização do conceito de ciberarte e transiarte ou arte de transição, que estabelece vínculos entre o currículo com suas experiências de vida e com o uso de tecnologia digital para produção de ciberarte. O projeto transiarte teve início em 2007 sempre trabalhou com estudantes EJA, ouvintes, isto é, não-surdos. Este projeto relata portanto a primeira experiência da integração da transiarte junto a estudantes surdos. A metodologia utilizada foi a pesquisa ação de Barbier (2007). Utiliza-se a observação participante, entrevistas e análise de vídeos transiarte produzidos pelos participantes. Como resultado busca-se identificar as especificidades da práxis da oficina transiarte (Rodrigues, 2015) junto a estudantes da educação de surdos.

**Palavras chaves:** Educação de Jovens e Adultos, Educação Bilíngue, Transiarte, Linguagem dos Surdos



### **Abstract**

This work presents reflections on the applicability of the transiarte workshops with subjects of education of deaf adults and adults. The objective is to identify the possibilities of collective artistic creation of the students from the workshops transiarte, in the discipline of arts of the Bilingual School Libras and Portuguese-Written of Taguatinga. The transiarte workshops have been developed by the transiarte research group in youth and adult education and professional education, known as proeja transiarte, with the objective of working in the integration of professional education and high school in the Education of Young and Adults, EJA. This integration takes place through the use of the concept of cyberart and transiarte or art of transition, which establishes links between the curriculum with their life experiences and the use of digital technology to produce cyberart. The transiar project started in 2007, always worked with EJA students, ie non-deaf students. This project therefore reports the first experience of integration of the transirte with deaf students. The methodology used was Barbier's action research (2007). To collect data, is used participatory observation, interviews and analysis of the Transiarte videos, produced by the participants. As result, it is sought to verify if praxis of the workshop Transiarte (Rodrigues, 2015) attends the deaf education in the same way that listeners' education.

**Keywords:** Youth and Adults Education, Bilingual Education, Transiarte, Language of the Deaf.

## Memorial

Meu nome é Jônatas, tenho 27 anos e sou morador de Taguatinga, região administrativa do Distrito Federal, moro com meus pais e minha irmã. Cresci basicamente andando por minha cidade e Ceilândia, cidade vizinha de Taguatinga.

Cresci como qualquer criança normal indo à escola e assistindo desenhos; jogava videogame e brincava pouco na rua, no que eu fazia e sempre gostava de mostrar para os outros o como se faz, começando daí o desejo de ensinar.

Desde criança gosto de ensinar o que aprendo, seja do que falam na TV, do que leio nos livros, do filme que assiste, o que ensina na escola, basicamente tudo que eu conhecia e por fazer isso sempre fui incentivado a ser professor, principalmente por minha Tia Cristina, ela sempre disse que consigo passar as coisas de uma forma simples, não confundindo as pessoas com os ensinamentos, veio daí a ideia de ser professor.

Quando terminei o Ensino Médio decidi entrar na Pedagogia por ainda não ter certeza o que seguir e conhecer pois é um curso de licenciatura e teria certeza se poderia ser um futuro professor. Não demorou muito no curso e percebi que meu destino era ser professor mesmo, conheci várias áreas da Pedagogia, mas nenhuma me chamava fortemente a atenção, sempre gostei de arte em geral, principalmente a arte do desenho e a arte digital, mas infelizmente no curso de Pedagogia temos poucas disciplinas que trate da abordagem de criação e produção em arte no processo de educação. Assim, em busca de desenvolver a relação muito próxima entre pedagógica e arte, veio a meu encontro um convite feito por um professor da faculdade de educação para conhecer o grupo de pesquisa proeja Transiarte que desenvolvia atividades de pesquisas voltadas para o desenvolvimento da arte, tecnologia, educação de jovens e adultos e educação profissional.

Ao conhecer o Projeto PROEJA-transiarte, passei a participar do grupo de pesquisa como bolsista de graduação, pois nesse ano de 2013 a pesquisa estava sendo financiada pelo programa observatório da educação básica (OBEDUC), juntamente com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Neste contexto, participei como pesquisador de várias oficinas Transiarte que foram realizadas com estudantes da EJA em escolas na cidade de Ceilândia, na oficina participam diferentes pesquisadores, entre estudantes de graduação, mestrado e doutorado da Universidade de Brasília, fato que se mostra importante, principalmente tendo os

professores de educação básica como bolsista também.

Na Transiarte aprendi que cada estudante tem seu tempo de aprender, e cada estudante com sua história de vida, pode contribuir de forma positiva nas aulas de qualquer disciplina. Durante todos os anos que convivi no projeto observei que os estudantes gostam de participar das oficinas, em qualquer disciplina seja matemática, geografia, história ou outras. Percebi que os professores que atuam se percebem como pesquisadores e passam a participar de seminário, apresentam trabalho e banners em eventos, fato esse que não é a rotina dos professores de educação básica, o foco da pesquisa, sendo esse também um fator importante a ser observado.

Após vários anos com resultados positivos, assim como mudanças dentro do processo da oficina, pois sendo pesquisa-ação está sempre em movimento, avaliação e mudanças. No ano de 2017 busquei compreender a Transiarte no processo de inclusão de estudantes com necessidades educacionais especiais no sistema regular de ensino, na modalidade de Jovens e Adultos. Enquanto estudante do curso de pedagogia fiz uma disciplina de libras e ao ter conhecimento que a professora de artes da escola bilíngue estaria desenvolvendo atividades com estudantes surdos, pensei que poderia ser o meu trabalho final de curso, depois de participar de tantas oficinas com estudantes ouvintes, procurei a professora da disciplina de arte e me ofereci para participar das aulas na terça feira com estudantes surdos. Pois, acredito que a educação muda a vida das pessoas e a EJA tem sido o lugar que busquei para contribuir com a nossa sociedade coma formação de cidadãos ativos, criativos e reflexivos.

Neste ultimo, trabalhei na escola bilíngue de Taguatinga, escola para alunos surdos e ouvintes( conseguem ouvir)

## Introdução

A Presente pesquisa buscou identificar as possibilidades da oficina transiarte com estudantes da educação de jovens e adultos (EJA) surdos. A oficina de transiarte teve início no ano de 2008 e desde então vem sendo desenvolvida nas escolas da rede pública de ensino com estudantes do ensino regular e em grande parte das oficinas a educação de jovens e adultos, além de acontecer na educação profissional.

A transiarte é uma forma de ciberarte que transita pela cultura do híbrido: do espaço presencial e do ciberespaço, do tempo individual e coletivo, promovendo um elo entre o presente do tempo real, não virtual, e o espaço virtual interativo da web, em produções de caráter artístico colaborativo (TELES, 2012). Este processo de mediar expressões artísticas entre o presencial e o virtual se dá por meio de uma atividade coletiva de repassamento de expressões artísticas existentes antes do digital, para novas expressões estéticas reconfiguradas no ciberespaço (TELES, 2008).

A transiarte tem como proposta relacionar em nível curricular tecnologia e a experiência vivida do aluno, assim dando um novo significado ao seu aprendizado, pois o aluno da EJA tem um perfil diferente do aluno do regular, caso ele não vê significado no que esta aprendendo, ele simplesmente abandona a escola, por isso precisa de um novo significado do aprender para esses alunos.

Após a participação como pesquisador no proeja transiarte no período de 2013 a 2016, pude observar como é o perfil dos alunos da EJA, estudantes maiores de 18 anos, trabalhadores em serviços formais e informais, mães, avós, um público bastante diversificado, enfim conheci alunos de todas as idades, com mais de 60 anos, todos com experiências de vida diversas.

Uma das características da transiarte é desenvolver em sala de aula junto com as experiências diversas dos estudantes integrando ao conteúdo a ser desenvolvido, as histórias de vidas dos sujeitos dando um novo significado de ensino na escola.

O projeto Proeja-transiarte teve início em 2007, junto ao CEM 03 de Ceilândia. Ai foram desenvolvidas as primeiras oficinas transiarte com os estudantes EJA. Nestas oficinas transiarte um professor do CEM 03 e um pesquisador do transiarte trabalham com os alunos para implementar as várias etapas das oficinas transiarte, desde a discussão do tema que irão abordar na produção de um vídeo arte até a produção e postagem na Internet.

As oficinas transiarte tem sido desenvolvida pelo grupo de pesquisa transiarte na

educação de jovens e adultos e educação profissional, conhecido como proeja transiarte, com o objetivo de trabalhar na integração educação profissional e ensino médio na Educação de Jovens e Adultos, EJA. Esta integração se dá a partir da utilização do conceito de ciberarte e transiarte ou arte de transição, que estabelece vínculos entre o currículo com suas experiências de vida e com o uso de tecnologia digital para produção de ciberarte. O projeto transiarte teve início em 2007 sempre trabalhou com estudantes EJA, ouvintes, isto é, não-surdos. Este projeto relata a primeira experiência da integração da transiarte junto a estudantes surdos.

Buscou-se identificar além das experiências já conhecida, ampliar o conhecimento a cerca das oficinas transiarte com estudantes surdos. Nesse sentido, pretende-se registrar a aplicação da oficina transiarte.

O caminho metodológico apoia-se na abordagem qualitativa, a pesquisa-ação, considera-se o envolvimento do sujeito-pesquisador. Nessa abordagem pesquisador assume os riscos de um sujeito ativo e implicado na pesquisa. A partir dessa organização a metodologia é composta pelo registro de informações (diário itinerante do pesquisador) (BARBIER, 2007).

A questão investigada nesta pesquisa trata da identificação das similaridades e diferenças entre a oficina transiarte realizada com estudantes ouvintes e a oficina transiarte realizada com estudantes surdos.

Nesse trabalho será apresentado o trabalho feito com estudantes surdos da escola bilingue de Taguatinga, unica escola especializada em ensino especial para surdos do DF. O ensino de libras é uma obrigação recente e tem crescido com o passar dos anos se tornando atrativo para professores da rede pública e particular se especializarem nela, pois cada vez mais aumenta o numero de alunos surdos entrando nas escolas e esse atendimento especializado esta cada vez mais necessario.

O trabalho será em dividido em três capítulos.

O primeiro capitulo apresentará as etapas da oficina transiarte, assim como seu histórico na educação de jovens adultos

O segundo capitulo mostrara o locus de desenvolvimento da pesquisa assim como sujeitos e traz os dados coletado

Como considerações finais defende-se a continuidade da oficina como fator positivo na educação de surdos. Assim, a oficina se mostra como uma possibilidade de aprendizagem para os estudantes a partir do que eles já trazem como característica própria

o espaço visual bem desenvolvido.



**Figura 1 – Escola Bilíngue: Estudantes surdos fazem pinturas para a produção do vídeo transiarte.**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui-se como uma das modalidades da educação básica, destinada aos jovens e adultos que não tiveram acesso ou não concluíram os estudos no ensino fundamental ou no ensino médio.

A EJA configura-se como forma de ampliar a escolarização, reconhecendo a educação como direito humano fundamental para a constituição de jovens e adultos autônomos e ativos frente à realidade em que vivem. Essa modalidade atende a idade mínima para ingresso de 15 anos para o ensino fundamental, que compreende o chamado segundo segmento e de 18 anos para o ensino médio denominado terceiro segmento. Na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, a EJA é ofertada por meio de cursos presenciais e a distância.

A educação de jovens e adultos (EJA) teve avanços e retrocessos no distrito federal entre os avanços, identifica-se a construção coletiva dos documentos que resultaram nas diretrizes da educação de jovens e adultos do DF que corrobora com a ideia de jovens e adultos como sujeitos trabalhadores, imersos no mundo do trabalho em diferentes profissões, sendo o trabalho o eixo temático do ensino e aprendizagem na EJA, conforme as Diretrizes Operacionais da Educação de Jovens 2014/2017<sup>1</sup>.

As diretrizes respeitam a condição de sujeito trabalhador e trazem diferentes ofertas para EJA que vão além da oferta de ensino ser presencial ou a distância, ofertam as possibilidades da EJA integrada a educação profissional, seja na forma subsequente, codominante, ou integrada.

Nesse contexto, após identificar a práxis da Transarte nos processos de integração entre a EJA e a EP, em diferentes escolas vivenciados no grupo de pesquisa Transarte - Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional <sup>2</sup>, buscou-se a partir das experiências vividas identificar a ocorrência da Transarte, para além da EJA integrada com educação profissional, foco do grupo de pesquisa proeja Transarte. E

Esse trabalho se coloca na EJA no ensino especializado de atendimento a surdez, assim pretende-se investigar novas possibilidades de atuação da transarte frente a

---

1

2 Pesquisa cadastrada na plataforma de grupo de pesquisa CNPQ no endereço <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0951754951607270> - Nesse projeto são desenvolvidas atividades artísticas com grupos de estudantes PROEJA (Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos) com foco na criatividade, resgate da identidade cultural, e integração do ensino médio com educação profissional. Foi criado o conceito de transarte ou arte de transição, desenvolvido o conceito de transarte, como a arte de transição entre os espaços físicos (arte popular) e os espaços virtuais do ciberespaço. A transarte é caracterizada pela criação coletiva de vídeos, músicas, fotografias e textos digitais. É uma das formas interativas da ciberarte que promove um elo entre o presente não virtual e o espaço/tempo interativo virtual. No contexto educacional dessa pesquisa, a transarte é entendida como meio de inclusão digital que resgata a identidade cultural, promove a criatividade dos participantes, facilita a inclusão digital e a integração do ensino médio com a educação profissional.

sujeitos, que também estão inseridos no mundo do trabalho, entretanto, ainda com menor visibilidades na educação de forma geral no distrito federal.

Para Damázio (2007), é importante destacar que as pessoas com surdez já enfrentam inúmeros entraves para participar da educação escolar, em partes, decorrentes da perda da audição, assim como da forma como se estruturam as propostas educacionais das escolas. Então, Dorziat (1998), acredita que muitos alunos com surdez podem ser prejudicados pela “ falta de estímulos adequados ao seu potencial cognitivo, sócio-afetivo, lingüístico e político-cultural e ter perdas consideráveis no desenvolvimento da aprendizagem”.

Esta autora observa que os professores precisam conhecer e usar a Língua de Sinais, entretanto, deve-se considerar que a simples adoção dessa língua não é suficiente para escolarizar o aluno com surdez. Assim, a escola comum precisa implementar ações que tenham sentido para os alunos em geral e que esse sentido possa ser compartilhado com os alunos com surdez. Mais do que a utilização de uma língua, os alunos com surdez precisam de ambientes educacionais estimuladores, que desafiem o pensamento, explorem suas capacidades, em todos os sentidos (DAMÁZIO, 2007, p.14)

A partir da práxis da transarte se propõe ações que beneficiem a participação e aprendizagem dos estudantes na sala de aula e fora do ambiente escolar. Pois corrobora-se com Damazio (2007), que é preciso ambientes educacionais estimuladores, que desafiem o pensamento, explorem capacidades, estéticas, criativas e todos os sentidos

Neste contexto, buscou-se ampliar as possibilidades de desenvolvimento da práxis Transarte na Escola bilíngue português como segunda língua, que oferece aos estudantes surdos atendimento especializado na área da surdez<sup>3</sup>, sendo todas as aulas ministradas em língua de sinais.

Os alunos da EJA são estudantes com necessidades bem diferentes dos alunos do ensino regular, mais ainda precisam conquistar cada vez mais espaço na realidade educacional do país, quebrando paradigmas e fazendo que o sistema de educação brasileiro compreenda a necessidade e oferta da EJA nos diferentes formatos.

Nesse contexto vale ressaltar que a educação de surdos na EJA tem algumas particularidades, são alunos com a falta de um dos 5 sentidos, então seu aprendizado na

---

<sup>3</sup> Utiliza-se a denominação estudante surdo para descrever o atendimento especial ao deficiente auditivo, destaca-se que a comunidade surda não utiliza a palavra deficiente auditivo por considerar que o surdo possui uma cultura e uma língua diferente, sendo a sua língua a língua de sinais “libras”, assim a comunicação acontece diferente da comunicação entre ouvintes, mas essa comunicação deve ser respeitada por representar a comunidade.



escola é um pouco diferenciado dos alunos que são ouvintes<sup>4</sup>, antigamente por causa disso os classificavam como incapazes e no final os consideravam como cidadãos inferiores, fato que atrasou e prejudicou a inserção deles no ambiente educacional e socialização também.

Mas isso está mudando, por meio de conquistas da comunidade surda na Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Seguida do Decreto de nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

A partir da legislação foi possível a criação de escolas bilíngues no Brasil, assim como o atendimento especializado, o que também trouxe pesquisas sobre o tema, porém em grande parte no campo da linguística, devido o aumento de cursos de graduação em letras libras no país.

Nesse sentido, esse trabalho pretende contribuir com outras práxis para a educação de surdos, uma vez que o espaço visual do surdo é bastante desenvolvido, e na transição os espaços visuais e virtuais colaborativos norteiam outras formas de aprendizagem no campo das novas estéticas visuais .

---

<sup>4</sup> Ouvinte é o nome utilizado a pessoas que possuem audição.

## **Capítulo 1: A Transiarte**

Esse capítulo discute o conceito e a práxis da Transiarte, apresenta o histórico da transiarte desde seus inícios em 2007. Será também apresentado como se dá o processo das oficinas transiarte.

### **1.1 Considerações sobre a transiarte**

A transiarte tem sido uma experiência de integração entre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a Educação profissional (EP) pela despertar e facilitar o desenvolvimento de produções artísticas colaborativas no campo da educação, desenvolvida de 2007 a 2017 pelo grupo de pesquisa Transiarte - Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional .

No ano de 2007, o grupo de pesquisa participa do edital Edital nº 03/2006 PROEJA/CAPES/SETEC, sendo selecionado no Centro oeste, denominada como o Projeto 19 “O PROEJA indicando a reconfiguração do campo da Educação de Educação de Jovens e Adultos com qualificação profissional – desafios possibilidades do Proeja”. Formado pelo consórcio de instituições: Universidade Federal de Goiás (instituição líder), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a Universidade Católica de Goiás e a Universidade de Brasília (instituições associadas). Tendo como objetivo do Projeto “investigar os processos de implementação da Educação Profissional (EP) integrada à Educação de Jovens e Adultos (EJA), no âmbito do PROEJA em Goiás e no âmbito da rede pública de ensino no Distrito Federal”.

A Universidade de Brasília, em 2007 passa a coordenar no Distrito Federal o subprojeto 3, o Proeja-Transiarte, em parceria com a Secretaria de Educação e de Ciência e Tecnologia do Distrito Federal. Em 2009, as parcerias do Proeja-Transiarte ampliam-se com o ingresso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, o financiamento se encerra no ano de 2011, com passagem de vários estudantes em nível de graduação, mestrado, doutorado e professor de educação básica, além vários estudantes que participaram das oficinas ao longo dos anos.

No ano de 2011 e 2012 a pesquisa continua mesmo sem financiamento da CAPES, no ano de 2013 o grupo de pesquisa em parceria com a Universidade Federal de Goiás e a Universidade Federal do Espírito Santos passam a integrar a rede de pesquisa do programa Observatório da Educação –Edital 049/2012/CAPES/INEP, denominado:

Desafios da Educação de Jovens Adultos integrada à Educação Profissional: identidades dos sujeitos, currículo integrado, mundo do trabalho e ambientes/mídias virtuais. A pesquisa então passa a ter financiamento da CAPES/Obeduc até o ano de 2017.

O PROEJA – transiarte é um projeto de pesquisa coordenado pela Universidade de Brasília (UnB), que tem como sua área de atuação a EJA, e que desenvolve uma pesquisa que muda a visão do aluno em relação a escola, faz os sujeitos perceberem a relação do conteúdo estudado e o dia a dia deles, para assim notarem que o conhecimento é interligado com a vida de cada um. Além disso, o PROEJA – transiarte tem como objetivo desenvolver ações integradas com a Educação Profissional, algo importante que hoje é um dos focos dos esforços de todas as pessoas que lutam na EJA por um ensino melhor.

Nesse contexto, o PROEJA-transiarte se apresenta como uma experiência que tem ressignificado a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como uma modalidade de educação que atenda as expectativas desses sujeitos na educação e também na Educação Profissional. Tendo em vista que as oficinas da transiarte se desenvolvem a princípios para formar cidadãos para o mundo do trabalho: colaboração, criatividade, tecnologias. Com a colaboração se realiza um trabalho coletiva, enquanto a criatividade permite despertar interesse para a criação estética digital utilizando as tecnologias digitais como fotos, vídeos, sons, e técnicas de stop motion para montar o trabalho.

No contexto educacional desse Projeto (Rodrigues,2009), utiliza o conceito de transiarte para que se faça entender este conceito como a arte de transição, entre os espaços presenciais de arte já existentes, e os espaços virtuais acessados pelas tecnologias digitais.

A proposta é resgatar a identidade cultural dos estudantes. Desenvolvendo a produção artística virtual em forma de animações, vídeos e avatares, que refletem enquanto reconfigurações virtuais, a arte não virtual.

Sendo uma das formas de ciberarte que promovem um elo entre o presente não virtual e o espaço/tempo interativo virtual. Essa dimensão de convergência entre as novas formas de arte com as formas mais tradicionais mostram um processo de reconfiguração do passado no presente

Para Teles (2012) A transiarte não propõe uma visão vanguardista ou mesmo dicotômica em relação a arte presencial, mas harmoniosa, oferecendo um novo ângulo e uma nova reconfiguração e interatividade com a expressividade, agora em formato

digital. Ela está conectada à identidade cultural dos interatores que produzem arte na forma de vídeos, fotos, animações, avatares, imersão virtual que “reflete” enquanto reconfigurações estéticas virtuais, artefatos ou expressões artísticas não virtuais. Usando o software apropriado o transiartista aprende com o grupo a manipular o programa e criar arte colaborativa. É uma forma de cibearte em grupo, que lida com as dimensões estéticas, educacionais e profissionais dos participantes. Segundo Rodrigues (2015) A oficina transiarte se divide em 6 etapas:

1ª etapa – o convite – A equipe da UNB, a cada início de semestre, convida os professores e os estudantes para conhecerem o projeto, assim como todos os membros da comunidade escolar. A busca pela reflexão e ação no processo gera sempre novos caminhos nas etapas da oficina, caminhos que estão sempre em movimento, em fluxo. Começa-se a estabelecer uma “contratualização” (BARBIER, 2007, p. 118): o pensar em um “contrato de ação” que se estabelece entre os novos educadores e educandos.

2ª etapa – a situação- problema-desafio – Configura-se na discussão entre alguns que sabem mais sobre o assunto e outros que sabem mais sobre outros. O trabalho da equipe de pesquisa é o fortalecer o grupo, no sentido de uma produção coletiva e colaborativa, a fim de levar uma mensagem que eles queiram divulgar para a sociedade. Algo próprio das experiências deles, em que suas aprendizagens possam se revelar de modo criativo e ativo.

3ª etapa – a criação do roteiro - O roteiro é o processo de sistematização das ideias para a criação da imagem. É o momento da identificação dos conflitos a serem abordados. Em círculo, todos escrevem um roteiro a partir do tema escolhido. Depois, todos os leem, até chegarem a um consenso e constroem um único roteiro coletivo que traga aspectos políticos, críticos e culturais entre outros.

4ª etapa – a criação artística coletiva – Traz sentido da construção coletiva aos alunos e professores, que se permitem elaborar formas estéticas e brincar com as possibilidades do real e, também, do virtual. Esse é o momento da captação de imagens com celulares, máquinas fotográficas ou filmadoras, além da criação e da manipulação de imagens no computador.

5ª etapa – a edição de imagens – A realização da animação se dá através de um processo de construção/ desconstrução constante, desde o roteiro até a finalização da edição, dentro de certa ótica, dos fragmentos a serem produzidos que traduzam a percepção dos sujeitos da pesquisa, nas produções estéticas em formato de vídeo.

6ª etapa – a postagem no site – Socialização dos resultados da pesquisa. Avaliação do processo e preparação para uma nova oferta.

Pretende-se verificar como os passos da Transiarte estão sendo utilizados com os estudantes surdos e como esses estudantes percebem o fazer artístico e o processo de criação e produção da arte digital, nas animações desenvolvidas.

## **1.2 Histórico da Região Administrativa – Taguatinga - RA III**

Segundo a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD /2015/2016) a cidade de Taguatinga foi fundada em 5 de junho de 1958, em terras que anteriormente pertenciam à fazenda Taguatinga.

A localidade foi criada em função do superpovoamento da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), que já não tinha condições para abrigar o grande número de trabalhadores que chegavam de toda parte do País para a construção da nova capital. Dessa forma, antecipava o projeto de Lúcio Costa que previa uma cidade-satélite para 25.000 habitantes, que deveria ser construída apenas dez anos após a inauguração da Capital.

Inicialmente, a cidade se chamava Vila Sarah Kubitschek. Depois foi alterado para Santa Cruz de Taguatinga, permanecendo apenas Taguatinga, que tem no nome Taguatinga a origem indígena que significa Ave Branca.

Em 1964, a Lei nº. 4.545 de 10 de dezembro dividiu o Distrito Federal em oito Regiões Administrativas – RAs, denominando para Taguatinga a RA III. Posteriormente, devido ao crescimento populacional e pela necessidade de novos espaços para habitação, ocorreu o desmembramento nas cidades Ceilândia e Samambaia, que faziam parte do território original da RA até 1989.

Em 2003, foi desmembrada também de Taguatinga a Região Administrativa Águas Claras e, em 2009, a última a ser criada foi Vicente Pires.

Hoje, Taguatinga tem uma população urbana estimada, para 2016, em 222.598 habitantes.



**Figura 2 – Mapa de Taguatinga - DF.**

### 1.2.1 Caracterização da População Urbana

Conhecer a população da cidade é um fator para melhor entender a sua composição, assim como os sujeitos que nela habitam.

Segundo os dados da PDAD 2016, a população urbana estimada de Taguatinga é de 222.598 habitantes. No ano de 2013, era de 212.863 (Gráfico 1) que, ao comparar com a PDAD/2016, tem-se uma Taxa Média Geométrica de Crescimento Anual (TMGCA), no período, de 1,59%. A maioria da população é constituída por pessoas do sexo feminino, 53,80%. (Tabela 1).

**Tabela 1 - População segundo o sexo - Taguatinga - Distrito Federal - 2016**

Sexo	Nº	%
Masculino	102.845	46,20
Feminino	119.753	53,80
<b>Total</b>	<b>222.598</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Codeplan – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - Taguatinga – PDAD/2016

### 1.2.2 Migração

A migração também um fator que merece atenção, devido o intenso transito migratório no distrito federal, que impacta diretamente na demanda por educação.

Conforme levantamento dos residentes na RA III, 48,91% do contingente populacional é nascido no Distrito Federal, enquanto 51,09% são constituídos por

imigrantes. Deste total, 44,04% são naturais do Nordeste; 32,18%, Sudeste, 17,28%, Centro-Oeste (menos DF); 3,92%, Norte e 1,93%, do Sul. Em relação à origem por estados, Minas Gerais é o mais representativo, 24,17%, seguido por Goiás, 16,18%, Bahia, 9,27% e Maranhão, 8,29%, (Tabela 2).

Este aspecto da migração tem um importante papel na cultura e na vida artística da cidade, pois gerou uma cultura de diversidade e de integração, que facilita o trabalho da transiarte e abre o leque de opções de temas de trabalhos.

**Tabela 2 - População segundo a naturalidade - Taguatinga - Distrito Federal - 2016**

Unidade da Federação	Nº	%	% de Imigrantes
<b>Total</b>	<b>222.598</b>		<b>100,00</b>
<b>Distrito Federal</b>	<b>108.883</b>		<b>48,91</b>
<b>Outras UF</b>	<b>113.715</b>	<b>51,09</b>	<b>100,00</b>
Acre	325	0,15	0,29
Alagoas	883	0,40	0,78
Amapá	93	0,04	0,08
Amazonas	139	0,06	0,12
Bahia	10.545	4,74	9,27
Ceará	7.943	3,57	6,99
Espírito Santo	883	0,40	0,78
Goiás	18.395	8,26	16,18
Maranhão	9.430	4,24	8,29
Mato Grosso	650	0,29	0,57
Mato Grosso do Sul	604	0,27	0,53
Minas Gerais	27.500	12,36	24,17
Pará	1.719	0,77	1,51
Paraíba	5.992	2,69	5,27
Paraná	836	0,38	0,74
Pernambuco	4.274	1,92	3,76
Piauí	8.222	3,69	7,23
Rio de Janeiro	4.274	1,92	3,76
Rio Grande do Norte	2.601	1,17	2,29
Rio Grande do Sul	1.068	0,48	0,94
Rondônia	93	0,04	0,08
Roraima	46	0,02	0,04
Santa Catarina	279	0,13	0,25
São Paulo	3.948	1,77	3,47
Sergipe	186	0,08	0,16
Tocantins	2.044	0,92	1,80
Exterior	697	0,31	0,61
Não sabem	46	0,02	0,04

Fonte: Codeplan - pesquisa  
Distrital por Amostra de  
Domicílios - Taguatinga –  
PDAD/2016

Com relação a migração percebe-se que grande maioria dos estudantes são pessoas de outro estado, principalmente os mais velhos, são pessoas que vieram para o DF tentar uma vida melhor, em busca de escolarização e trabalho, ou vieram para morar

com parentes, eles veem com uma experiência de vida e em alguns momentos surpreende pelo conhecimento no campo, na artesanato e outros. Na escola bilíngue os estudantes que estão no 2 e 3 segmentos da EJA matriculados nos anos de 2016 somente 3 são nascidos no DF, em alguns casos tem estudante que mora com familiares até concluir o ensino médio e depois volta para seu estado de origem.

### 1.2.3 Instrução da população total

Segundo os dados do PDAD 2016 de Taguatinga, observa-se o percentual daqueles que não estudam é de 75,59%. Os que frequentam escola pública somam 14,86%, com 1,40% em período integral. Na escola particular, a pesquisa registrou apenas 9,45% (Tabela 3.1). Quanto ao nível de escolaridade, a população concentra-se na categoria dos que têm nível médio completo 26,74%, seguida pelo superior completo, incluindo especialização, mestrado e doutorado, 22,11%. Os que possuem fundamental incompleto são 20,58%. Analfabetos na região representam 1,48%. A PDAD apurou que 2,92% da população é composta por menores de seis anos fora da escola, (Tabela 3 e 4).

**Tabela 3 - População segundo a condição de estudo - Taguatinga - Distrito Federal – 2016**

<b>Condição de Estudo</b>	<b>No.</b>	<b>%</b>
Não estudam	168.249	75,59
Escola Pública Tradicional	29.869	13,42
Escola Pública Integral	3.112	1,40
Escola Particular	21.043	9,45
EAD Pública <sup>(1)</sup>	93	0,04
EAD Particular <sup>(1)</sup>	232	0,10
<b>Total</b>	<b>222.598</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Codeplan - Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - Taguatinga – PDAD/2016

(1) EAD - Ensino a Distância

**Tabela 4 - População segundo o nível de escolaridade - Taguatinga - Distrito Federal - 2016**

<b>Nível de Escolaridade</b>	<b>No.</b>	<b>%</b>
Analfabeto (15 anos ou mais)	3.298	1,48
Sabem ler e escrever (15 anos ou mais)	3.716	1,67
Alfabetização de adultos	139	0,06
Ensino Especial	418	0,19
Maternal e creche	1.579	0,71
Jardim I e II/Pré-Escolar	3.763	1,69
EJA - Fundamental incompleto	511	0,23
EJA - Fundamental completo	93	0,04
EJA - Médio incompleto	1.068	0,48
EJA - Médio completo	186	0,08
Fundamental incompleto	45.291	20,35
Fundamental completo	11.659	5,24



Médio incompleto	13.889	6,24
Médio completo	59.367	26,66
Superior incompleto	21.786	9,79
Superior completo	42.922	19,28
Curso de especialização	4.552	2,05
Mestrado	1.347	0,61
Doutorado	372	0,17
Crianças de 6 a 14 anos não alfabetizadas	46	0,02
Não sabem	93	0,04
Menor de 6 anos fora da escola	6.503	2,92
<b>Total</b>	<b>222.598</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Codeplan - Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - Taguatinga – PDAD/2016

### 1.3 Escola Bilíngue Libras e Português-Escrito de Taguatinga

De acordo com as informações contidas no projeto político pedagógico do ano de 2017. A Escola Bilíngue Libras e Português-Escrito de Taguatinga, uma escola pública e com atendimento integral, foi criada pela Portaria Nº 171, de 02 de julho de 2013, da SEEDF, em cumprimento à Lei nº 5.016 de 11 de janeiro de 2013, que estabelece diretrizes e parâmetros para o desenvolvimento de políticas públicas educacionais voltadas à educação bilíngue para surdos, a serem implantadas e implementadas no âmbito do Distrito Federal.

Esta escola atende e promove a inclusão educacional e social dos surdos, garante uma educação diferenciada, específica, cultural e bilíngue, para estudantes que têm a língua de sinais como sua primeira língua e o português escrito como segunda língua, sendo estas as línguas de comunicação e de instrução das atividades escolares para o ensino de todas as disciplinas curriculares, em todos os níveis da educação básica (Lei 5.016/2013). As aulas da Escola Bilíngue Libras e Português-Escrito de Taguatinga tiveram início no dia 5 de agosto de 2013.

Uma política de Educação Inclusiva para estudantes surdos precisa levar em consideração suas especificidades linguísticas, culturais e identitárias. No espaço inclusivo da Escola Bilíngue, a diversidade humana é considerada e o estudante é educado numa perspectiva integral de ensino, em regime de tempo integral. A inclusão dos surdos na sociedade representa grandes oportunidades para o crescimento pessoal, acadêmico e profissional das pessoas e essa inclusão para os surdos começa na educação bilíngue, meio em que facilmente já se identifica o protagonismo surdo, representado por estudantes independentes, com grande autonomia, lutando por seus direitos e convicções; exercendo a cidadania em sua forma mais plena, a partir da educação.

De acordo com as informações contidas no projeto político pedagógico do ano de 2017. Dada à originalidade da proposta, a Escola Pública Integral Bilíngue Libras e Português-Escrito do DF, o governo local incluiu-a como a “menina dos olhos” do “Plano Viver sem Limites” do Distrito Federal.

Uma política de Educação Inclusiva para estudantes surdos precisa levar em consideração suas especificidades linguísticas, culturais e identitárias. No espaço inclusivo da Escola Bilíngue, a diversidade humana é considerada e o estudante é educado numa perspectiva integral de ensino, em regime de tempo integral.

A inclusão dos surdos na sociedade representa grandes oportunidades para o crescimento pessoal, acadêmico e profissional das pessoas e essa inclusão para os surdos começa na educação bilíngue, meio em que facilmente já se identifica o protagonismo surdo, representado por estudantes independentes, com grande autonomia, lutando por seus direitos e convicções; exercendo a cidadania em sua forma mais plena, a partir da educação.

A Escola Bilíngue Libras e Português-Escrito foi criada em substituição à Escola Classe 21 de Taguatinga, Unidade de Ensino construída em 1968 e recebida pela extinta Fundação Educacional do DF, em 13 de Fevereiro de 1969. A antiga Escola Classe 21 de Taguatinga foi inaugurada em 03 de Agosto de 1969 sob a direção da Sr<sup>a</sup> Maria Gisele Morais Calado, regulamentada pelo Decreto N<sup>o</sup> 140.166 e autorizada pela portaria n<sup>o</sup> 17 de 07/07/1980. Possui uma área de 1.532m<sup>2</sup>. Sua primeira nomenclatura foi Escola Classe n<sup>o</sup> 21, passando a chamar-se Escola Classe 21 de Taguatinga, uma das primeiras escolas integrantes da rede oficial de ensino do DF considerada escola inclusiva desde 1999.

A instituição matricula, desde 1989 crianças surdas e deficientes auditivas, bem como crianças com outros tipos de necessidades educacionais especiais.

Em 2014 possuía aproximadamente 350 alunos matriculados e funcionava nos turnos matutino, vespertino e noturno, sendo o turno vespertino o principal turno de oferta da educação integral, embora todas as atividades da Escola Bilíngue voltem-se à formação integral dos estudantes. A comunidade surda do DF juntamente com professores da SEDF, lutou por aproximadamente doze anos para que fosse criada uma escola adequada a atender as necessidades pedagógicas dos estudantes surdos.

A Escola Bilíngue Libras e Português-Escrito, escola que prevê a aprendizagem, tendo a Libras como primeira língua e o português escrito, como segunda língua a mesma prevê o atendimento a alunos surdos e outros desde a Educação Linguística Precoce ao

Ensino Médio. No 2º semestre do ano de 2011 e em janeiro de 2013 foi aprovada em forma da Lei nº 5016, dessa forma houve todo um estudo para que se iniciasse a implantação da Escola Bilíngue, no início do segundo semestre de 2013, ocupando as salas que não estavam sendo utilizadas no turno vespertino e noturno, e no turno matutino ocupando uma sala para cada 2 turmas com o uso de divisórias para assim acomodar todas as turmas que já estavam em andamento desde o início do ano letivo em outras unidades de ensino - UE. Foram remanejadas para a nova Escola Bilíngue turmas: a) do Centro de Ensino Fundamental 04 de Taguatinga- CEF 04 as turmas de unidades especiais compostas por estudantes surdos dos Anos Finais do Ensino Fundamental; b) do Centro Educacional 06 de Taguatinga - CED 06 estudantes surdos das turmas de unidades especiais e de turmas inclusivas; c) da Educação de Jovens e Adultos – EJA estudantes surdos provenientes de turmas inclusivas do Centro de Ensino Médio Escola Industrial de Taguatinga – CEMEIT e d) foram absorvidas as classes bilíngues e classes comuns dos anos iniciais do ensino fundamental da antiga Escola Classe 21 de Taguatinga.

A escola contempla os projetos sociais e pedagógicos da rede, de acordo com as etapas/ modalidade que comporta, e, obedece às Diretrizes Pedagógicas previstas para os anos de 2009 a 2013, a LDB- Lei nº 9.394/96, além das Diretrizes de Avaliação do Processo de Ensino e Aprendizagem para a Educação Básica, o Estatuto da Criança e do Adolescente, o Regimento Interno da SEDF e segue o Currículo da Educação Básica, direcionado aos projetos específicos implementados pela rede e desenvolvidos pela Instituição. Oferece cursos em várias modalidades: Educação Bilíngue, Regular, Específica/Especializada, em Tempo Integral. Também oferece Educação Regular Convencional para as classes remanescentes da Escola Classe 21 (antigo nome da escola). E, finalmente, oferece também Educação de Jovens e Adultos para o 1º, 2º e 3º segmentos;

### **Etapas**

A Escola Bilingue Libras e Português-Escrito visa atender as diferentes etapas de ensino: creche, educação linguística precoce, educação infantil, ensino fundamental (anos iniciais e finais), ensino médio, educação de jovens e adultos – EJA e educação profissional.

Etapas previstas para a instituição:

- Educação Infantil:
- Educação Linguística Precoce (a partir da detecção da surdez);
- Creche (berçário I: 4 a 11 meses; berçário II: 12 a 23 meses; maternal I: 2 anos; maternal II: 3 anos);
- 1º período: 4 anos;
- 2º período: 5 anos;
- Ensino Fundamental – anos iniciais e finais (do 1º ao 9º ano);

- Ensino Médio;
- Educação de Jovens e Adultos

### **TURNOS DE FUNCIONAMENTO**

Os Turnos de funcionamento da EJA sempre são diferentes do ensino regular pois o aluno EJA tem um perfil diferente merecendo um tratamento diferente dos alunos do regular. Abaixo pode-se ver como é o horário da escola e suas diferenças em cada turno.

A Escola Bilingue Libras e Português-Escrito funciona nos três turnos (Matutino/Vespertino/Noturno) tendo horário específico para suas atividades assim apresentado abaixo:

#### **MATUTINO**

- Ensino Fundamental (anos iniciais, anos finais) e Ensino Médio – 7h30 às 12h30
- Intervalo: 10h às 10h20 (Anos Iniciais)
- Intervalo: 9h às 9h15 e 10h45 às 11h (Anos Finais e Ensino Médio)
- Horário do almoço é de 12h30 às 13h00
- Atividades da Educação Integral – 13h00 às 16h30 (diariamente).

Obs. Apenas as classes bilíngues do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental e as classes bilíngues do Ensino Médio participam das atividades da Educação Integral desenvolvidas no turno vespertino.

#### **VESPERTINO**

- Ensino Fundamental – 4º e 5º (classe comum dos anos iniciais): 13h às 18h
- Intervalo: 15h30 às 15h50

#### **NOTURNO**

- EJA – 19h às 22h35
- Dois intervalos: 19h às 19h10 e 21h10 às 21h20

A pesquisa foi realizada somente com estudantes do turno noturno, que estão matriculados no 2º e 3º segmento da EJA, pois a escola também oferta o 1º segmento, na disciplina de arte.

A professora da disciplina de arte passou a atuar na escola desde 24/02/2016 e desde então desenvolve oficinas Transiarte com estudantes, utilizando a metodologia da pesquisa-ação em harmonia com os passos da oficina, a qual desenvolveu uma tabela que contempla os passos e ações na oficina Transiarte.

## Capítulo 2: Metodologia e Passos da Oficina Transiarte

A metodologia utilizada é a pesquisa-ação: não trata de uma simples transfiguração metodológica da sociologia clássica, mas de uma transformação na forma de se conceber e fazer pesquisa em Ciências Humanas, na qual o cotidiano não é excluído do processo de construção do conhecimento, tanto pelo pragmatismo quanto pela insistência no hábito do conhecimento dos sujeitos envolvidos. Sob o fato de sua pesquisa ser existencialista, o autor afirma: “É verdade que meu tipo de pesquisa-ação é peculiar, e eu o defino como existencial” (BARBIER, 1983, apud. BARBIER, 2002, p. 67). No quadro 1 Abaixo são apresentados os passos da pesquisa utilizando a metodologia da pesquisa ação. A forma de coleta de dados utilizada foi a observação das oficinas transiarte levadas a cabo na Escola Bilíngue. Foram feitas 15 visitas à Escola Bilíngue. Cinco oficinas transiarte ofertadas no formato de comunicação docente-discente em Libras foram observadas.

**Quadro 1 - A pesquisa-ação nas etapas da oficina transiarte**

O PROCEDIMENTO DA PESQUISA-AÇÃO	O MÉTODO DA PESQUISA-AÇÃO	OFICINA TRANSIARTE
<b>Objeto abordado</b>	<b>A identificação do problema e a contratualização</b>	<b>1ª ETAPA O convite</b>
<p><b>1. Situação problema</b></p> <p><b>2. Pedido de ajuda</b></p> <p><b>3. Constituição do pesquisador coletivo</b></p> <p><b>4. Análise das implicações e escuta sensível</b></p>	<p>a) O pesquisador acolhe um grupo que se encontra em luta contra uma série de dificuldades resultantes da vida cotidiana (analfabetismo, poluição, segregação, fracasso escolar ) ou simplesmente da insatisfação em relação ao tipo de vida habitual;</p> <p>b) Os membros do grupo tentam atenuar a carência por meio de realização efetiva, mas estas não chegam a satisfazer suficientemente a comunidade;</p> <p>c) O grupo pede ajuda externa ao pesquisador, pessoa com a qual o grupo já manteve ou mantém contato;</p> <p>d) O primeiro aspecto consiste em voltar ao que o grupo chama de “problema” ou a “situação”. Trata-se de contextualizar</p>	<p>A equipe da UnB, a cada início de semestre, convida os professores e alunos para conhecer o projeto, assim como todos os membros da comunidade escolar;</p> <p>A busca pela reflexão e ação do processo gera sempre novos caminhos nas etapas da oficina, que está sempre em movimento, em fluxo;</p> <p>Começa-se a estabelecer uma “contratualização” (BARBIER, 2007, p. 118): pensar em um “contrato de ação” que se estabelece entre os novos educadores e educandos.</p>

	<p>fazendo perguntas habituais: o que, quem, com quem, onde, quando, como, por quê?;</p> <p>e) Após a análise da demanda, o pesquisador deve ficar à escuta do que se diz, sem procurar interpretar e julgar. Esse momento é importante como fonte de informação esclarecedora sobre as dificuldades em curso;</p> <p>f) A contratualização escrita vai, com efeito, servir de plataforma ao grupo de ação. O contrato precisa as funções de cada um, o sistema de reciprocidades, as finalidades da ação, os encargos financeiros, a temporalidade, as fronteiras físicas e simbólicas, as zonas de transgressão e o código ético da pesquisa;</p> <p>g) o pesquisador coletivo forma-se a partir do envolvimento na vontade de resolver o problema. A função do pesquisador é articular a pesquisa e ação num vaivém entre a elaboração intelectual e o trabalho de campo com os atores. É a partir do pesquisador coletivo que se define verdadeiramente o contrato de pesquisa.</p>	
<b>O PROCEDIMENTO DA PESQUISA- AÇÃO</b>	<b>O MÉTODO DA PESQUISA-AÇÃO 2ªFASE</b>	<b>OFICINA TRANSIARTE</b>
<b>Objeto coconstruído</b>	<b>O planejamento e a realização em espiral</b>	<b>2ª ETAPA situação-problema- desafio</b>
<p>Primeira fase: hipóteses do esclarecimento existencial</p> <p>Segunda fase: Referência a um corpus teórico existente a se desenvolver.</p>	<p>a) A dialética do pesquisador profissional e dos pesquisadores técnicos no âmbito do pesquisador coletivo e depois, a do pesquisador coletivo com o conjunto do grupo-alvo, estimulam constantemente o movimento da pesquisa -ação;</p> <p>b) Durante todo o planejamento, a temporalidade é reconhecida com a sua sequência de conflitos e de mediação ligadas à ação. O objeto torna-se cada vez mais “construído” à medida que a análise se torna mais sustentada pelo conjunto do pesquisador coletivo e as hipóteses de ação e de esclarecimento são produzidas e discutidas pelo pesquisador coletivo e são testadas junto aos membros do grupo-alvo;</p> <p>c) Estabelece-se um diagnóstico abrangendo a lógica interna dos comportamentos do sujeito em situação problemática. A elaboração apoia-se principalmente sobre a escuta sensível do vivido;</p>	<p>A situação-problema-desafio configura-se na discussão em que alguns sabem mais de um assunto e outros sabem mais sobre outro. O trabalho da equipe de pesquisa é o de fortalecer o grupo no sentido de preparar a produção coletiva e colaborativa, a fim de levar uma mensagem que eles querem publicizar para a sociedade. Algo próprio das experiências deles, em que suas aprendizagens possam se revelar de modo criativo e ativo.</p> <p><b>3ª ETAPA criação do roteiro</b> O roteiro é o processo de sistematização das ideias para a imagem. É o momento da identificação dos conflitos a serem abordados. Em círculo, todos escrevem um roteiro a partir do tema escolhido. Depois, todos leem até chegar a um consenso e construir um único roteiro</p>

	<p>d) Interpretação e reformulação em busca da constituição de uma linguagem comum. Apoia-se sobre os pontos chave da situação problemática e sobre a construção de um modelo de análise multirreferencial.</p> <p>e) Fase de planejamento que, em termos de ação, os objetos parciais são, por um lado, propostos, realizados e controlados; e pelo outro, avaliados: controlados em relação a um registro de notas preciso num eixo temporal e espacial. Ação-reflexão-avaliação.</p>	<p>coletivo que pauta os aspectos políticos, críticos, culturais e outros.</p> <p><b>4ª ETAPA criação artística coletiva</b></p> <p>Traz o sentido da construção coletiva aos alunos e professores que se permitem construir formas estéticas e brincar com as possibilidades do real e também do virtual.</p> <p>Esse é o momento para captação de imagens com o celular, com máquina fotográfica ou filmadora e também para criação e manipulação de imagens no GIMP.</p> <p><b>5ª ETAPA EDIÇÃO DE IMAGENS</b></p> <p>A realização da animação se dá por um processo de construção/desconstrução constante, desde o roteiro até a montagem. Nesse movimento de montagem, costura-se, dentro de certa ótica, os fragmentos a serem produzidos, os quais traduzem a percepção dos sujeitos da pesquisa com utilização de editor de vídeo.</p>
<b>O PROCEDIMENTO DA PESQUISA-AÇÃO</b>	<b>O MÉTODO DA PESQUISA-AÇÃO 3ªFASE</b>	<b>OFICINA TRANSIARTE</b>
<b>Objeto efetuado</b>	<b>As técnicas de pesquisa - ação</b>	
<p>1.Tratamento de dados;</p> <p>2.Confirmação junto ao grupo;</p> <p>3.Escrita do relatório parcial pelo pesquisador coletivo;</p> <p>4.Avaliação e supervisão da existência concreta do</p>	<p><b>1.A observação participante</b></p> <p>Observação participante predominantemente existencial (OPE). O observador é aceito pelo grupo, declara-se abertamente, desde o início, como observador para efetivar a contratualização. Momento de escuta e troca simbólica entre pesquisador e o grupo</p> <p><b>2. Diário de itinerância</b> - divide-se em três fases: <b>Diário rascunho</b> – registra tudo o que lhe</p>	<p><b>6ª ETAPA postagem no site</b></p> <p>Socialização dos resultados da pesquisa;</p> <p>Avaliação do processo e preparação para uma nova oferta.</p>

<p>sujeito nas consequências dos efeitos de sentido (mudança).</p>	<p>parece importante, informações do cotidiano, trata-se das partes mais íntimas do pesquisador.</p> <p><b>Diário elaborado</b> – É constituído, a partir do diário rascunho, um texto que o pesquisador escreve para si e para o outro.</p> <p><b>Diário comentado</b> – a partir do diário elaborado, o pesquisador escreve para o grupo que está diante dele. O diário comentado deve se tornar um instrumento de democratização do grupo ou de um subgrupo.</p> <p>O <b>diário de itinerância coletivo</b> representa o caderno de inteligência do grupo em direção à realização de seu objetivo.</p>	
<p>Validação da análise pelos participantes. Escrita do relatório final. Informação e publicação</p>	<p><b>A teorização, a validação e a publicação dos resultados.</b></p> <p>Na pesquisa-ação, a teoria decorre da avaliação permanente da ação; A cada fase da pesquisa, a avaliação e a reflexão acontecem antes da ação e depois da ação. A discussão é uma característica do pesquisador coletivo. Toda ação leva em consideração o grupo;</p> <p>O resultado da pesquisa leva a um estabelecimento de modelos dos processos coletivos, conduzindo à realização dos objetivos da ação, quer dizer, à resolução do problema inicial;</p> <p>Uma pesquisa-ação chega ao fim quando o problema inicial é resolvido.</p>	

O quadro de Rodrigues (2015) é uma síntese do procedimento e do método da pesquisa-ação de Barbier (2007), contemplando também as etapas da Oficina Transiarte que vão orientar esta investigação em todas as suas fases: do descongelamento, da mudança e do reforço e congelamento de um novo equilíbrio.

## 2.1 Sujeitos da pesquisa

Todos os participantes da oficina Transiarte estão regularmente matriculados na Escola Bilíngue Libras e Português-Escrito de Taguatinga, tendo apenas uma estudante ouvinte, porém que sabe a libras fluentemente, pois tem parentesco com surdos, inclusive sua prima também que é aluna da escola. Assim todos os outros estudantes apresentam comprometimento na audição, sendo alguns surdos profundos e outros moderados.



Os estudantes buscam a Educação de jovens e adultos para conseguir melhores empregos, pois muitas empresas ofertam emprego para surdos, mas em locais que tenham acesso ao público, ao perguntar aos estudantes sobre trabalho/ocupação, alguns responderam que trabalham em serviços domésticos, oficinas mecânicas ou outros geralmente serviços destinados a quem tem pouca escolarização.

Os estudantes do ensino médio dizem que desejam fazer faculdade, eles falam sobre colegas das escolas que estão fazendo faculdade. No ano de 2016 uma estudante do noturno passou no curso letras libras na universidade de Brasília, e outros estudantes passaram também a vislumbrar outras possibilidades, pois na escola Bilíngue Libras e Português-Escrito de Taguatinga, vários estudantes do diurno tem se destacado em provas de vestibulares e outros. Entretanto, no turno noturno, muitas vezes o cansaço de quem trabalhou o dia inteiro, as vezes não o permite sonhar.

Os estudantes gostam de danças, gostam de música e principalmente de festas, a escola proporciona momentos, para desenvolver atividades físicas e outras que envolvem o corpo. Nesses momentos os estudantes participam de atividades de dança,

“vê um estudante surdo dançando catira é algo, que poucas pessoas imaginariam”  
diário do pesquisador.

Nesse contexto, pretende-se investiga-se o processo e as produções realizadas na escola bilíngue, identificando os passos da oficina com estudantes surdos. Antes de iniciar de apresentar os sujeitos da pesquisa.

Apresenta-se o lócus da pesquisa para melhor identificação da localização da escola, cabe salientar que é a única escola bilíngue do DF e situa-se em Taguatinga.



**Figura 3 - Fotografia de Taguatinga Fonte – Getulio Romão maio 2013.**

A imagem retrata a cidade de Taguatinga em seu fluxo intenso, com grande comércio, e um espaço que recebe várias outras cidades, sendo rota de passagem de algumas cidades em direção ao centro de Brasília.

Taguatinga é o ponto de encontro dos estudantes, pois o ônibus escolar os espera no centro de Taguatinga as 18:40, chegando na escola que fica em Taguatinga Norte as 19:00 horas.

Alguns alunos não conseguem utilizar o ônibus devido a outras necessidades especiais que vão além da surdez e os responsáveis levam e buscam na porta da escola.

A escola também, atende estudantes da cidade de Ceilândia, riacho fundo, recanto da emas e samambaia cidades próximas a Taguatinga.

## **2.2 Procedimento objeto abordado - O convite**

Na primeira visita à escola, foi feito o convite aos alunos para que participem nas oficinas transiarte. Este convite foi feito pelo autor, quando pôde comunicar-se com eles na sala de aula, durante a aula de artes, tendo uma tradução libras simultânea da professora

de artes.

Assim como ocorreu entre os anos de 2013-2016 a oficina inicia também na escola bilingue a partir do convite, a professora da disciplina de artes realiza a apresentação do pesquisador para os estudantes que fazem algumas perguntas direcionadas ao pesquisador. Entre as perguntas a mais recorrente é a “você é professor?” A professora de artes usando a língua de sinais responde que o pesquisador é um estudante da Universidade de Brasília e está concluindo o curso de pedagogia, a estudante que será identificada com outro nome lia diz que o pesquisador é bonito e que ela ia fazer faculdade também, neste momento a professora me pergunta se eu conseguia entender o que os estudantes perguntavam então eu respondo que em partes conseguia entender e que já havia feito a disciplina de libras na UNB. Os estudantes se mostram receptivos a minha presença e partir deste dia passei a frequentar as aulas de artes na terça-feira e também frequentar a escola na quinta-feira.

Nesse encontro os alunos perguntam, falam de suas experiências vividas em sala de aula, depois foi apresentado aos alunos as experiências do projeto e apresentado o produto final de outros semestres.

O projeto valoriza a formação em círculo, proporcionando uma mudança de hábito diferente da tradicional fileira um vendo a nuca do outro. A turma foi colocada em círculo e os alunos poderão se ver, isso acaba desencadeando novos pontos de perspectivas e vêem a sala de aula de um modo diferente no qual estão habituados.

Pode-se perceber que os alunos estavam abertos a oficina e não reclamaram como alguns outros das outras oficinas, normalmente quando o projeto é apresentado, alguns alunos afirmam que vão perder conteúdo e aulas por isso não são a favor da oficina do projeto, alunos da escola bilingue aceitaram participar sem sequer comentar sobre esse assunto que normalmente é colocado em quase todas as oficinas.

Os alunos depois de perguntarem sobre o pesquisador e conhecer um pouco sobre ele, se apresentaram e contaram um pouco de suas vidas pessoais e suas expectativas, assim dando início a oficina nas aulas de arte.



**Figura 4 - Escola bilíngue 1 – convite feito aos alunos pelo pesquisador e professora**

A disciplina de libras realizada na unb foi de fundamental importância, para realizar a pesquisa na escola bilíngue, pois todas as aulas são ministradas em libras. Assim, pude entender algumas falas dos alunos, sem ajuda de interprete, observei que os estudantes gostam de fazer brincadeiras e conversar muito, é claro que em línguas de sinais, podia não ter barulho na sala, mas as aulas são bem agitadas.

Os estudantes alunos que estão em outras turmas passam e falam uns com os outros, na sala tem uma aluna ouvinte e três estudantes, oralizados, isso quer dizer que é possível compreender um pouco da fala. Entretanto grande maioria é surda e utiliza-se somente da libras. Os oralizados ajudam a entender os outros alunos sempre mostrando sempre muita disposição, mostram o sinal certo que correspondem a palavra que estão sinalizando.

Os estudantes se mostram curiosos com minha presença em sala, são cordiais e logo me apresento a todos.

A professora fala um pouco sobre a minha experiência na pesquisa e qual o meu objetivo na escola. Eles não se mostram relutantes com um universitario na sala deles, demonstram respeito com os professores e observo que ficam felizes em saber que serei professor, alguns até consideram a ideia de ser um também no futuro, com uma certa influência dos professores que tem.



**Figura 5 - Escola bilíngue 2 – alunos entendendo o convite de participação da classe no Transiarte**

A professora se comunica em libras e também pronuncia as palavras que gesticula, facilitando para mim o entendimento do que está falando com os alunos, assim como na libras a língua portuguesa, a libras também está em movimento e os estudantes sempre apresentam sinais novos como whatsapp e outras expressões que vão surgindo, a professora então repete o sinal que os estudantes estão utilizando e o aprendizado é coletivo.

Os estudantes são bastante participativos em todas as atividades propostas, a imersão na escola me mostra que a libras se torna mais fácil na medida em que se observa os gestos que os estudantes fazem quando estão conversando (librando), entre eles.

No primeiro encontro, já me mantive atuante nas atividades desenvolvidas em sala e durante toda a noite, em cada aula a professora me apresentava aos estudantes.

Neste momento identifiquei que os passos da oficina Transiarte já estavam acontecendo e não percebi nenhuma modificação ou alteração, na disposição da sala e também sobre o que é a Transiarte. Algumas palavras que não possuem sinal são digitadas manualmente e escritas no quadro.

Na época do começo da oficina, a escola estava em greve, a maioria dos professores da escola estava em greve mas a professora de artes não estava então suas aulas corriam normalmente, mesmo com poucos professores, os alunos não faltavam a aula de artes, mostrando maior frequência nessa disciplina, a professora de artes afirma que sua matéria tem o maior número de alunos frequentes na escola.





**Figura 6 - - Escola bilingue 3 – dinâmica do barbante**

No segundo encontro é feita uma atividade coletiva utilizando barbante com a participação do pesquisador o que aproximou mais o pesquisador dos estudantes. Cabe destacar que os estudantes são sinceros nas suas colocações, devido a sua experiencia espaço visual.

Assim o estudante surdo fala tudo o que pensa, pois a visão é a sua orientação, assim como o estudante não tem nenhuma dificuldade em falar que gosta ou não gosta de determinada atividade, percebe-se que os estudantes gostam e frequentam a disciplina de artes, fato que facilitou o pesquisador na escolha da disciplina. A professora da disciplina já desenvolveu a transiarte em outras escolas, tendo a arte transiação como foco de sua tese de doutorado, neste contexto, a oficina transiarte teve seu desenvolvimento nos passos já mencionados anteriormente com algumas modificações para os estudantes surdos levando em consideração a língua de sinais e a cultura surda uma vez que os estudantes tem as mesmas necessidades, vontades e sonhos que um estudante ouvinte, porém ainda falta muita compreensão da sociedade com relação ao sujeito surdo.

Com isso, os alunos acabam começando a contar os preconceitos e situações ruins que passam, muitas vezes se sentem injustiçados porque muitas pessoas ouvintes os consideram invalidos, como se não tivessem capacidade para fazerem nada e eles acabam lutando para mostrar o contrário, que podem fazer tanto quanto uma pessoa

ouvinte.

### 2.3 2ª ETAPA - Situação problema desafio



**Figura 7 - Escola bilíngue 4 – Discussão da problemática do roteiro**

A situação problema desafio é um conceito utilizado amplamente pelo educador Paulo Freire. Um problema é trabalhado pelos estudantes conjuntamente para resolver o desafio proposto. O trabalhador e estudante surdo passa por dificuldade pela falta de um dos 5 sentidos e como o mundo é adaptado para as pessoas ouvintes, eles normalmente “se viram” para conseguir realizar seus objetivos. Calvacanti (2010), fala um pouco sobre esse histórico de aprendizagem do surdo antes de ter legislação específica:

“Um grande processo de mudança se desencadeou e foi logo adotado pela maioria das escolas, em oposição à educação do século XVIII. Naquele momento acreditava-se que o surdo poderia desenvolver-se como os ouvintes aprendendo apenas a língua oral. Desse modo, a oralização passou a ser o principal objetivo da educação da criança surda e para que ela pudesse dominar essa forma de comunicação passava a maior parte de seu tempo recebendo treinamento oral e se dedicando a este aprendizado (GOLDFELD, 1998). Estamos diante de uma perspectiva que destacava a visão clínica da surdez e através da reabilitação da fala e treinamento auditivo buscavam “curar” os surdos”.

Com isso pode-se ter uma mínima noção do que os estudantes surdos passaram ao longo dos anos, com legislação específica e adaptação às suas necessidades.

O trabalhador e estudante surdo passa por dificuldade pela falta de um dos 5 sentidos e como o mundo é adaptado para as pessoas ouvintes, ele normalmente “se vira” para conseguir realizar seus objetivos.

A atenção as necessidades aos surdos são recentes, pouco tempo que foi criada e ainda estão criando mais legislações que garante direitos e benefícios aos surdos, a escola bilingue é um exemplo disso, e partindo disso muitos temas podem ser gerados e desenvolvidos na oficina.

Mesmo com essas particularidades, os estudantes surdos basicamente tem os mesmos problemas dos ouvintes, percebe-se na fala deles quando contam suas histórias.

O tema gerador não é diferente de outras escolas, pois os problemas sociais são os mesmo a falta de transporte publico, hospital, segurança, moradia. O tema escolhido foi moradia, cidade.

Fala de um estudante 02 “ o preconceito com o surdo é maior do que com o cego, pois o cego se comunica com a grande maioria das pessoas que são ouvintes, enquanto o surdo ainda tem a libras vista como preconceito, até mesmo com famílias que buscam em aparelhos e implantes coclear fazer com que seus filhos sejam aceitos entre os ouvintes por meio da língua oral.



Figura 8 - Escola bilingue 5- relação das ideias da situação problema desafio

### 2.3.1 3ª ETAPA - Criação do roteiro

Os alunos fazem uma tempestade de ideias (Brainstorm) onde são apresentadas as ideias e assim escolhidas pelo grupo decidindo o tema que vai ser trabalhado, decidindo



o tema pela maioria parte-se para a criação do roteiro.

Os estudantes criam o roteiro de forma visual a medida que vão construindo a cena, eles descrevem em detalhes a questão visual pois dependem em sua maioria da visão, assim mostrando mais criatividade e detalhes do trabalhos dos alunos ouvintes.

Como a criatividade pode ser alimentada pela observação, a interpretação da realidade, a leitura, a pesquisa e a vivência no coletivo (Rodrigues, 2015), considera-se que o estudante desenvolva seu próprio processo criativo, de forma individual e coletiva. Na construção do roteiro usamos algumas palavras como base: “onde?, quando?, como? e porque?” e a criação do personagem “quem?”, elas servem como base para a construção do roteiro tenha os elementos necessários para a produção do video depois.

O roteiro não segue um padrão estabelecido, mas com os anos as linguagens de cinema e teatro foram apropriadas ao projeto, hoje muito presente nas produções feitas pelo projeto, essas linguagens normalmente inspiram os alunos para suas produções pois temos otimos trabalhos produzidos no projeto.



**Figura 9 - dinâmica de Grupo escola bilingue**

A atividade desenvolvida como os estudantes do barbante é uma atividade que desenvolve atitude de colaboração, os estudantes gostam de participar das atividades coletivas, principalmente quando tem pessoas que não são da escola. No evento do barbante uma terapeuta conduziu as atividades da noite, assim os professores auxiliam e

participam junto com os alunos, nos momentos coletivos que envolvem todos os estudantes da escola, sempre é realizado um lanche coletivo no início do turno e no final das atividades.

Entre os estudantes há uma estudante do segundo ano matriculada no terceiro segmento da EJA que é ouvinte, entretanto, não se percebe diferença em seu comportamento, inclusive quem não souber irá pensar que ela é surda. Pois sua libras é bem desenvolvida e mesmo sendo ouvinte ele utiliza na escola a linguagem de sinais. Esta aluna pretende fazer o vestibular de letras libras para ser interprete e poder ajudar mais surdos, em alguns momentos ela ajuda a professora com sinais, os sinais também sofrem modificações com o tempo, por isso é importante estar sempre em contato com a comunidade surda, pois outros sinais vão surgir de acordo com a necessidade, como whatsapp e outros.



**Figura 10 - Escola bilingue 6 – criação do cenário usado na animação**

### **2.3.2 4ª ETAPA - Criação artística coletiva**

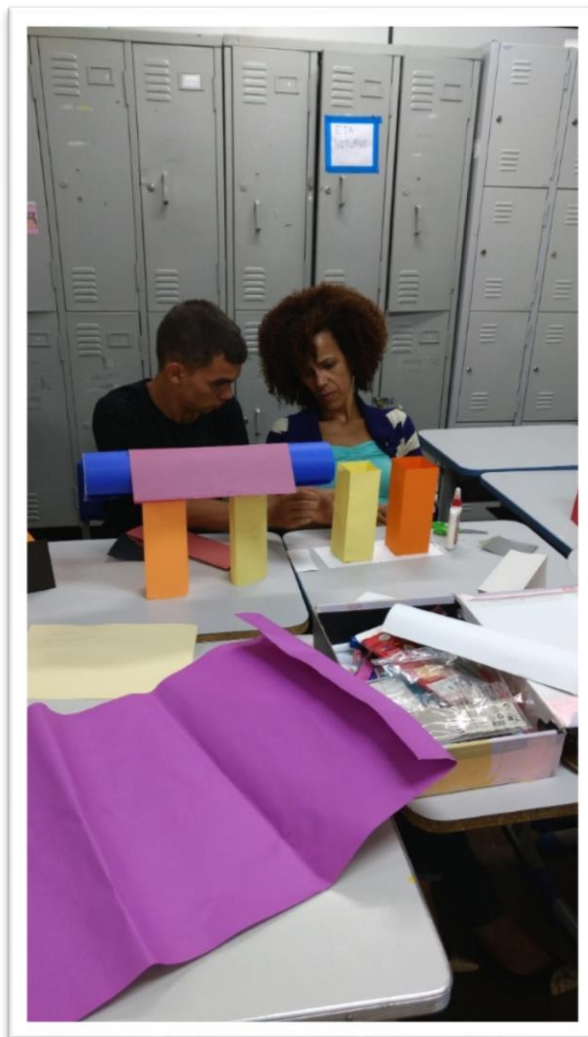
Os alunos criam o roteiro baseado no tema escolhido mas pode acabar havendo mudanças pois pode acontecer mudanças na execução que diferencia da ideia original. A professora traz materiais fornecidos pela escola e os alunos se organizam para confeccionar o que vai ser utilizado na produção.

Os alunos começam a confeccionar o que vai ser usado no trabalho, ficam atentos a detalhes visuais que pouco são notados pelos ouvintes e isso me surpreende como também a professora pois mostram nível de criatividade elevado.

Normalmente os alunos sentem vergonha quando começam a produzir os elementos que vão ser utilizado na produção, muitas vezes por não saber desenharem e geralmente por dizer que: “não sei nada de arte”, com isso o projeto utiliza a tecnica de recorte e colagem, que pode ser observada na maioria dos trabalhos, ela é utilizada principalmente para substituir os desenhos.

No processo de produção artística, o pesquisador e a professora acompanharam os alunos na produção de material, ensinando como produzir mas deixando os alunos produzirem eles próprios porque é uma construção coletiva deles mostrando aprendizado e crescimento dos alunos em relação a produção artística.

Em outras experiencias, por muitos trabalharem o dia todo e chegarem cansados na escola, muitos alunos mostravam resistencia em relação ao trabalho de produção do material da confecção e muitas vezes o pesquisador e/ou professor tinha que ficar de alguma forma “animando” o aluno, com os alunos surdos não precisou disso, eles já chegavam pedindo o material ou ideias do que fazer, assim a produção avançava rapido na sua confecção.



**Figura 11- Escola bilíngue 8 – fotos tiradas pelos alunos para a animação**

Por depender quase que totalmente da visão, na parte de criação os alunos surdos mostram ser mais detalhistas e empenhados na produção de material, pode-se dizer até mais que os alunos ouvintes e por adorarem as aulas de artes, quase não faltam e demonstram interesse no que a professora apresenta em sala e o que eles aprendem usam na produção do trabalho surpreendendo até mesmo professores de outras matérias quando eles descobrem o que os alunos montaram, se utilizam muito bem de recortes, tinta guache palitos de picolé, também utilizam objetos trago de casa e com colaboração montam o que vai ser utilizado no trabalho.

#### **2.3.4 5ª ETAPA - Edição**

Devido a mudança de tecnologia utilizada a edição passou a fazer parte do processo de criação artística, nos anos anteriores a edição era feita com computador.

Depois da produção do material que vai ser utilizado na animação e postos de uma forma que pode ser gravado, é iniciado o processo de gravação, anteriormente era tirado fotos geralmente tiradas de maquinas fotograficas ou celulares e levado a um computador para ser utilizado no windows movie maker, onde as fotos eram usadas para a produção do video. Hoje com a explosão dos smartphones, tem-se muitos aplicativos de edição e prudução de video que substituem os programas utilizados antigamente e com isso o acesso ficou mais fácil e simples aos alunos porque podem usar o seu próprio celular para a produção visual.



**Figura 12- Escola bilingue 8 – fotos tiradas pelos alunos para a animação**

Com o celular, os alunos hoje são mais conectados e fazem tudo praticamente nele, a produção do vídeo é mais acessível a eles e aos participantes do projeto, onde montam e finalizam a produção no aplicativo de edição de vídeo no celular instalados no próprio celular. Com montagem do vídeo e edição, os alunos tem uma produção visual própria produzidas por eles e fica só faltando o último passo que a postagem no site do transiarte,o que é realizado posteriormente.

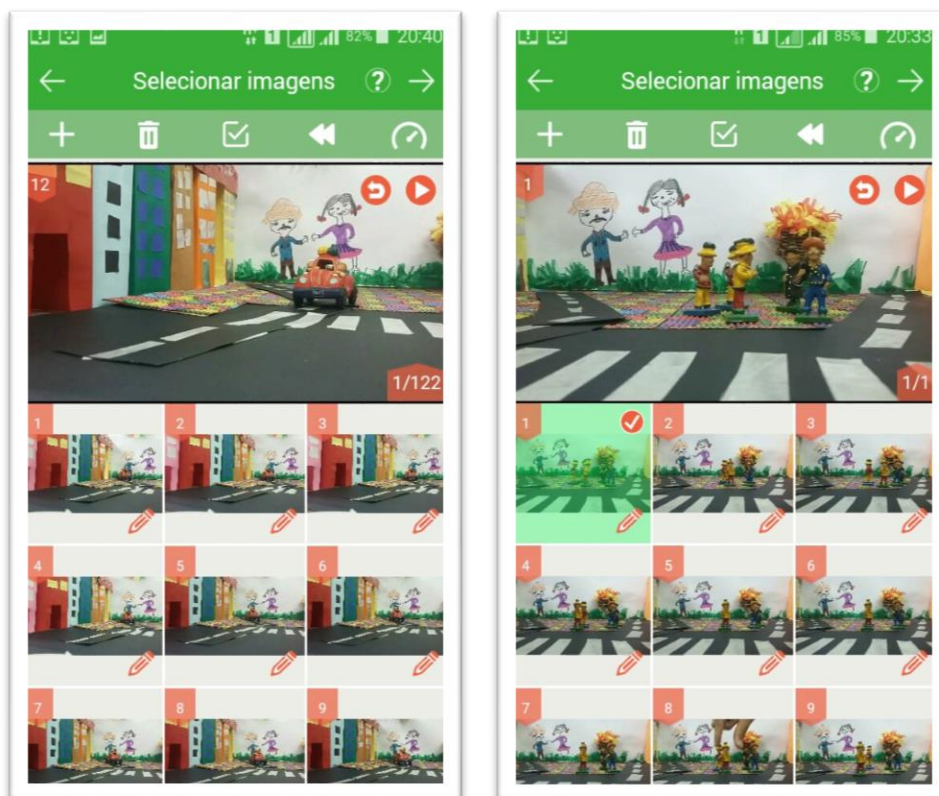




**Figura 13- Escola bilíngue 9 – fotos sendo tiradas pelos alunos para a animação**

#### **2.4 Procedimento objeto efetuado – site**

No processo da transiarte, percebe-se a mudança de tecnologia, o computador dá lugar ao celular o que faz com que a animação seja disseminada em outros espaços. Ao terminar a produção estética, a animação os estudantes enviam pelo WhatsApp para o próprio celular e partir desse momento o processo da virtualização ganha outros espaços. É importante destacar que após a saída dos estudantes dessa turma, a outra turma que vai entrar continua a animação e assim se repete com as demais turmas.



**Figura 14 - Escola bilingue 10 – fotos tiradas no aplicativo de celular para o stop-motion**

A imagem acima é o aplicativo utilizado denominado PIC PAC. Esse aplicativo realiza as fotos e faz a edição ficando o tempo a livre escolha do grupo. O aplicativo ao final tem como possibilidade colocar música (áudio), e quando concluído o vídeo é possível transmitir de imediato para o Facebook e WhatsApp, assim como e-mail e outras redes sociais

Além de enviar o vídeo produzido no WhatsApp, a produção também é postada no site transiarte ([proejatransiarte.ifg.com.br](http://proejatransiarte.ifg.com.br)), neste site estão presentes as obras produzidas ao longo dos anos de projeto e também as monografias, dissertações, teses, artigos e outros, nesse site se pode conhecer sobre o que é e o que faz a transiarte.

#### Capítulo 4- Resultado da Análise dos Dados

Observa-se a frequência dos estudantes na disciplina e mesmo quando os estudantes não podem assistir aulas eles enviam mensagens para professora, se justificando. No campo da colaboração todo o trabalho realizado de forma colaborativa inclusive entre outras turmas, uma turma passa no primeiro horário e a outras turmas continua a animação, a autoria é totalmente coletiva.

Nesse contexto, quando se compara os dados obtidos por Rodrigues (2015), sobre a não interrupção (evasão) escolar se mostram iguais, pois na transarte tanto ouvintes como estudantes surdos mantem-se frequentes na disciplina, principalmente se comparado a outras disciplinas. Fato a ser pesquisado futuramente aponta que os estudantes escolhem as disciplinas que frequentam e assim ao final do semestre são aprovados em umas e reprovados por falta em outras, fazendo com que o estudante saia do fluxo certo e demore muito mais para concluir o ensino médio.

Quando comparado o processo de criação estética, os anos em que participei de outras oficinas transarte (2013-2016), o olhar do estudante surdo surpreende, pois os estudantes possuem uma sensibilidade de olhar em dimensão 3D, o que contribui para criação de objetos que vão ser manipulados. Esse aspecto manifesta-se em todos os trabalhos desenvolvidos, como na produção de um cartaz com tema de festa junina onde os estudantes, pediram cola quente e construíram uma fogueira com palito de picolé, em formato 3D depois colaram no cartaz, esse é um dos exemplos bem claros do pensamento espaço visual dos estudantes.



Figura 15 - Escola bilíngue 11 – ideias dos alunos na produção de um cartaz de festa junina



Outro exemplo da dimensão 3D foi a criação da cidade, pois em relação aos estudantes ouvintes de escolas que já atuei como pesquisador, os estudantes geralmente utilizam desenhos e colagens com recortes no processo de criação artística.

“ após o tema não interfiro no processo de criação dos estudantes, pois a cada aula percebo que eles primeiro combinam o que vão fazer e se todos estão de acordo se inicia o processo, as formas 3D são exatamente as formas que eles percebem as coisas no mundo. O surdo é visual em tudo, por isso falam o que veem, exemplo nossa você está gordo, magro ,é feio,o que as vezes promove o desentendimento entre eles.”(entrevista professora de artes)

Com relação a tecnologia, observa-se que seu uso é favorável, principalmente para os estudantes surdos, pois utilizam-se muito de chamadas de vídeos do facebook e whatsapp para comunicação diária entre eles e também com a família e a escola.

“quando os estudantes precisam faltar aula eles me enviam uma mensagem no whatsapp e me enviam uma imagem que comprova que estão trabalhando ou avisam de forma escrita em português que estão doentes ou outro fato.” (Entrevista professora de artes)

Os alunos surdos pelo detalhe de não ouvirem, utilizam as redes sociais para comunicação melhor que nós ouvintes e por isso eles percebem os detalhes visuais melhor do que qualquer um.

Nas oficinas transarte de ouvintes e de surdos dá-se o mesmo fato comum na EJA: os estudantes são trabalhadores e depois de um dia de trabalho chegam na sala de aula já bastante cansados e sentem a necessidade de uma alimentação de trabalhador, uma janta diferente dos lanches dos alunos do ensino regular.

Os professores também devem saber como utilizar libras para passar a ideia do trabalho estético, de arte através da linguagem digital.

Outro elemento que é vivenciado diferentemente é aquele da utilização de sons nos vídeos. Pois os estudantes surdos não lidam em nenhum momento com a questão do som. Entretanto, observou-se que em geral existem mais similaridades entre ambas oficinas, a de ouvintes e a de surdos. Neste sentido este experimento da transarte junto a educação EJA de surdos, mostrou que as mesmas técnicas colaborativas são usadas nos dois tipos de oficina aqui discutidos.

### Considerações Finais

A transiarte se mostra como uma linguagem a ser utilizada também com estudantes que possuem necessidades especiais, no caso deste trabalho estudantes surdos, defende-se que a escola continue com essa práxis que envolve temas que são escolhidos pelos estudantes desenvolvidos juntamente com o conteúdo da disciplina de arte. É importante destacar que todo o trabalho é realizado de forma colaborativa e que a forma de criação estética dos estudantes deve ser continuamente incentivada, assim como merece ser mais aprofundada em outras pesquisas, pois a grande maioria das pesquisas tratam da linguagem com foco na libras e criação de sinais, assim como a questão da comunicação não explorando a produção dos estudantes como habilidade a ser pensada em âmbito de produção e também nos processos de aprendizagem.

Neste sentido, não há dúvidas sobre a funcionalidade da oficina transiarte com estudantes surdos. A dificuldade dos estudantes ouvintes é bem maior no processo de criação de imagens, pois o surdo responde à questão visual de forma imediata, e sendo a transiarte uma linguagem que desenvolve produção estética acredito ser mais bem compreendida pelos estudantes surdos.

Na questão artística o estudante surdo se destaca mais, mostrando criatividade na hora das produções, eles até surpreende o professor e os pesquisador no quesito criatividade e mesmo não ouvindo eles conseguem perceber ritmo nos trabalhos, fotos, passos e outras coisas e isso é muito interessante para quem quer atuar como professor, isso desperta uma vontade de trabalhar com eles e isso é interessante hoje no qual ninguém quer trabalhar como professor porque a educação está muito desvalorizada.

## Bibliografia

- BARBIER, R. **A Pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Dibio. Brasília: Líber Livro, 2007.
- BRASIL, **Decreto N° 5.626, de 22 de dezembro de 2005**.
- \_\_\_\_\_, **Decreto N° 7.611, de 17 de novembro de 2011**.
- Cavalcanti, Wanilda Maria Alves, **Fundamentos Da Educação De Surdos**.
- CODEPLAN. **PDAD 2015/16 - pesquisa distrital por amostra de domicílios - Taguatinga-2015**. Disponível em: [http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa\\_socioeconomica/pdad/2016/PDAD\\_Taguatinga.pdf](http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa_socioeconomica/pdad/2016/PDAD_Taguatinga.pdf)
- DAMAZIO, Mirlene, 2007. **Atendimento educacional especializado: pessoas com surdez**.
- DISTRITO FEDERAL, SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Pressupostos Teóricos.**, 2014. Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/materiais-pedagogicos/curriculoemmovimento.html>.
- RODRIGUES, Dorisdei Valente. **O Projeto PROEJA/Transiarte: uma experiência de pesquisa-ação em ciberarte**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Brasília: Universidade de Brasília, 2009.
- \_\_\_\_\_, **Transiarte: A arte em transição**, 2015. Tese de doutorado
- TELES, L.; CASTIONI, R.; HILÁRIO, R. **PROEJA-Transiarte: Construindo novos sentidos para a educação**. Brasília: Verbena, 2012